

A ENCARNAÇÃO DE DEUS: UMA NOVA POSSIBILIDADE PARA PENSAR O HUMANO EM HEGEL

THE INCARNATION OF GOD: A NEW POSSIBILITY TO THINK THE HUMAN IN HEGEL

Fabiano Veliq*

RESUMO

O conceito de encarnação que Hegel propõe na *Fenomenologia do espírito* é uma nova leitura do tema no contexto do século 19 e abrirá possibilidades grandiosas para a teologia daquele século, pois evidencia uma leitura radical do conceito de *Kenosis* bíblica, evidenciando que na encarnação o que é revelado é a plena união entre o divino e o humano. Na pessoa singular do Cristo estaria sendo explicitada essa união entre Deus e a humanidade de uma forma visível. Dessa forma Hegel está abrindo a possibilidade para uma nova relação do homem com Deus, pois na encarnação o infinito se mostra na finitude em formas determinadas. A abertura para uma nova compreensão do humano encontra aqui um suporte filosófico e teológico excelente. Na encarnação a essência divina assume a natureza humana, faz-se carne, ela torna-se outro de si na presença sensível, uma figura particular da essência divina. Deus se une à humanidade abrindo com isso a possibilidade de pensar um novo mundo plenamente aberto e o lugar da liberdade plena do homem que não tem agora nenhum transcendente sobre si e é, portanto, imbuído de uma responsabilidade única de agir no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: humano; Deus; Fenomenologia do espírito; religião.

ABSTRACT

The concept of incarnation that Hegel proposes in the *Phenomenology of the Spirit* is a new interpretation of the theme in the context of the 19th century and will open great possibilities for the theology of that century, as it shows a radical reading of the concept of biblical *Kenosis*, showing that in the incarnation what is revealed it is the full union of the divine and the human. In the singular person of Christ, this union between God and humanity would be made explicit in a visible way. In this way, Hegel is opening the possibility for a new relationship between man and God, because in the incarnation the infinite is shown in finitude in determined forms. The opening to a new understanding of the human finds excellent philosophical and theological support here. In the incarnation the divine essence assumes human nature, becomes flesh, it becomes another of itself in the sensible presence, a particular figure of the divine essence. God unites himself with humanity, thereby opening up the possibility of thinking about a new, fully open world and the place of full freedom for man who now has no transcendent over him and is, therefore, imbued with a unique responsibility to act in the world.

KEYWORDS: human; God; Phenomenology of spirit; religion.

* Doutorando em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia pela PUC Minas. Mestre em Filosofia da Religião pela FAJE. Graduado em Filosofia pela UFMG com Especialização em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista de Belo Horizonte. E-mail: veliqs@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Falar sobre qualquer assunto que envolva Hegel já se mostra uma tarefa extremamente ousada dada o excesso de textos, estudos, teses e dissertações que se produziram sobre o importantíssimo filósofo alemão¹. No entanto, como qualquer clássico, os assuntos sempre podem ser revisitados e reinterpretados à luz de novas teorias e formulações, e é este um dos motivos pelos quais este texto ganha vida. Como é do conhecimento de todos, Hegel dedicou grande atenção à questão religiosa ao longo de toda a sua vida. Como atesta Dickey (2014, p. 354),

Durante a década de 1790, nos anos de Iena, Nuremberg e Heidelberg (1801-1818) e até o período de Berlim, os escritos publicados e não publicados de Hegel (incluindo sua correspondência pessoal) testemunham seu permanente interesse nas grandes religiões do mundo, de modo geral, e, em particular, na história do cristianismo.

Da mesma forma, Plant aponta para essa permanência do pensamento sobre a religião em Hegel desde jovem. Segundo Plant (2000, p. 23),

Em Berna e Frankfurt, ele escreveu dois ensaios sobre esses temas: *Das Leben Jesus* [A vida de Jesus] e *Geist des Christentums und sein Schicksal* [O espírito do cristianismo e seu destino]. O que é necessário para assegurar essa transformação do cristianismo é o reconhecimento do divino no interior da vida e o do mundo social, o que é negligenciado pelo cristianismo ortodoxo.

Em um pequeno livro da juventude (*A vida de Jesus*, 1795), Hegel apontará algo que desenvolverá posteriormente sobre a noção de encarnação². Nessa obra Hegel aponta para a inadequação do conceito de Deus advindo dos judeus que considerava a divindade como algo exterior, não vista e não sentida pelo povo, ao passo que na vida de Jesus o que é articulado

¹ Para uma aproximação sobre o tema da religião em Hegel o excelente trabalho do professor Marcelo Aquino é uma grande referência, pois para além de dar uma panorâmica da questão religiosa em Hegel em seus aspectos mais gerais e específicos, o autor proporciona uma extensa bibliografia sobre o tema ao final do livro. Cf. Aquino (1989).

² Temos ciência de que o conceito de encarnação é um conceito extremamente amplo, com uma grande história tanto na teologia cristã bem como em toda a obra hegeliana. Assim, restringimos o estudo da noção de encarnação na obra *Fenomenologia do espírito*. A noção de encarnação na obra de Hegel é objeto de poucos estudos específicos sobre o tema, pois a maioria dos comentadores de Hegel se atém a temas como a Religião revelada, a noção de Trindade, etc. Sobre o tema da encarnação em Hegel a maior obra disponível é o trabalho de mais de 780 páginas na tradução francesa do teólogo alemão Hans Kung. “*Menswerdung Gottes*”, que constitui o volume II da série *Eclesiologia* da coleção *Oekumenische Forschungen*, que foi conduzida por Hans Kung e Ratzinger. Há uma tradução francesa da obra *Incarnation de Dieu: introduction à la pensée théologique de Hegel comme prolégomènes à une christologie future* (KUNG, 1973). Nesse trabalho Kung analisa detalhadamente em toda a obra hegeliana o conceito de encarnação, para propor uma nova forma de entender tal conceito às vésperas do Vaticano II. Kung evidencia como a figura de Cristo se faria presente no direito, na arte, na religião e na filosofia em toda a obra hegeliana, além de contextualizar o tema da encarnação na tradição cristã a partir do Novo Testamento bíblico e propor uma leitura teológica nova do conceito de encarnação.

seria aquele visível, tangível e particular relacionamento com Deus que deve existir para que uma comunidade de crentes possa ser estabelecida³ (HEGEL, c1975).

A encarnação neste sentido é fundamental para Hegel, pois se o divino tem de aparecer, o espírito invisível tem de ser unido com algo visível de modo que tudo possa ser unificado, de modo que possa haver uma síntese completa, ou uma perfeita harmonia.⁴

Segundo Hegel, essa teria sido a verdadeira mensagem de Jesus na qual o divino Pai e o Filho palpável são simplesmente modificações da mesma vida. Na Encarnação, o divino está unido com a vida humana, com a forma humana, com a história e com a natureza. A vida de Jesus, portanto, evidencia essa união que não teria sido compreendida pelo povo judeu de sua época. Segundo afirma Plant (2000, p. 24),

A concepção cristã do relacionamento entre o humano e o divino era ininteligível para os judeus. Era impossível reformar suas crenças religiosas a partir de seu interior; a alternativa foi desafiá-los do exterior, e isso foi o que ele fez mais e mais, e como tal sua mensagem foi puramente ideal e utópica. Isso significou que os discípulos, que eram judeus, compreenderam a natureza de Deus e homem em Jesus ainda no contexto das ideias teísticas judaicas. Em vez de seguir Jesus, ensinando uma mensagem geral sobre a reconciliação entre o divino e o humano em toda a vida, essa reconciliação foi entendida como tendo se completado apenas em Jesus. Desse modo, em vez de a Encarnação se tornar um símbolo no interior da Cristandade para uma completa reconciliação entre Deus e toda a humanidade, o divino e o humano foram entendidos como unidos apenas em uma única vida.

Esses escritos da juventude⁵, de caráter mais teológico, são importantes para percebermos que as intuições centrais do pensamento de Hegel sobre a questão religiosa e especificamente sobre a noção de encarnação já se encontram presentes desde cedo e serão desenvolvidas com o passar do tempo. Em outra obra da juventude *L'esprit du christianisme et son destin* (1798/1799), Hegel está envolto com as cisões decorrentes da sociedade capitalista, cisão entre o homem e natureza, entre o homem e o homem e entre o homem e Deus. Nesse sentido Hegel voltará a comentar a diferença de Jesus para com a teologia

³ Especialmente as páginas 21-31. Nesse pequeno livro, Hegel (c1975) procura contar a história de Jesus a partir dos relatos dos evangelhos bíblicos já evidenciando alguns pontos que serão desenvolvidos por ele em textos mais maduros. Um dos exemplos é o próprio conceito de encarnação que aparecerá posteriormente na *Fenomenologia do espírito* (1807) e nas lições sobre a filosofia da religião escritas entre 1821-1831. Hegel sempre esteve preocupado não apenas com a religião de maneira abstrata, mas também com as questões teológicas envolvidas na tradição cristã. Os principais temas da teologia cristã são tratados por Hegel, tais como a queda do homem, o pecado original, a salvação, etc.

⁴ É importante ressaltar que a noção e encarnação possui uma história dentro da tradição cristã que remete aos textos do Novo Testamento, e diversos padres apologistas, culminando em Santo Agostinho, dedicarão diversos escritos a esse tema central do cristianismo.

⁵ Os escritos de juventude de Hegel (*Hegels theologische Jugendschriften*) foram editados por Herman Nohl em Tübingen 1907 e foram traduzidos para o inglês por T. M. Knox e Richard Kroner em 1971 com segunda edição em 1977 (HEGEL, 1977).

judaica da época e apontará para perspectivas novas em relação a noções caras à tradição cristã como a morte, a ressurreição de Cristo, apontando para uma leitura “alegórica” desses acontecimentos e já apontando para a noção de encarnação, embora não trabalhe de forma pormenorizada este tema específico nessa obra. Segundo Hegel,

Deus e o homem devem, portanto, ser um e o mesmo - mas homem como filho e Deus como pai; o homem não é independente, ele não existe por si mesmo, ele existe apenas como oposição, modificação, e é por isso que o pai está nele; neste filho estão também seus discípulos; eles também são um e o mesmo com ele - verdadeira transubstanciação, a verdadeira presença do pai no filho e do filho em seus discípulos - todos eles não substâncias, absolutamente separados e unidos em um conceito universal, mas como a videira e seus galhos; uma vida errante de divindade neles.⁶ (HEGEL, 1948, p. 159, tradução nossa).

Fica bastante claro que noções preliminares sobre a encarnação divina pensada como manifestação do espírito e como divindade no homem tipificada na pessoa de Jesus já se encontram em fase germinal nos escritos de juventude, mas serão desenvolvidos e alargados de maneira mais detalhada ao longo da vida de Hegel. Como aponta Bourgeois (1982, p. 182, tradução nossa):

A vida de Jesus, de Berna, e o Espírito do Cristianismo e seu destino, de francforte, através da profunda diferença do conteúdo da revelação crística, concordam no status formal dado ao Revelador de ser uma exemplificação privilegiada da verdade.⁷

A religião cristã se desenvolverá nesse período em seu caráter propriamente metafísico e desembocará nas questões colocadas pela *Fenomenologia do espírito*. Como aponta Hyppollite (1999, p. 68),

A fenomenologia, era para Hegel, consciente ou não, o meio de oferecer ao público, não um sistema já pronto, mas a história de seu próprio desenvolvimento filosófico. Após conhecermos os trabalhos de juventude, aqueles de Stuttgart, Berna, Frankfurt, compreendemos melhor o que significa a Fenomenologia do Espírito.

⁶ Dieu et l'homme doivent donc être un seul et même être – mais l'homme comme fils, et Dieu comme père; l'homme n'est pas indépendant, il n'existe pas par lui-même, il n'existe que comme opposé, modification et c'est pourquoi le père est en lui; en ce fils sont aussi ses disciples; eux aussi sont un seul et même être avec lui, - véritable transsubstantiation, véritable présence du père dans le fils et du fils dans ses disciples - eux tous non pas des substances, absolument séparés et unis dans un concept universel, mais comme le cep et ses sarments; une vie errante de la divinité en eux.

⁷ La vie de Jesus, de Berne, et l'Esprit du christianisme et son destin, de francforte, à travers la différence profonde du contenu de la révélation christique s'accordent dans le statut formel donné au Révéléateur celui d'être une exemplification privilégiée de la vérité.

Em sua *Fenomenologia do espírito (FE)*⁸, Hegel se dedica a investigar a religião como parte do desenvolvimento do Espírito. Após percorrer as figuras da Consciência, da Consciência de si, da Razão e do Espírito, surge a figura da Religião que é compreendida como autoconsciência do Espírito, ou como consciência da essência absoluta. Para analisar a religião, Hegel se proporá a dividir tal análise da religião a partir da Religião natural, Religião da Arte e a chamada “Religião manifesta” (*Die offenbare Religion*) que constitui o terceiro momento do capítulo VII da *FE*. Como sintetiza Silva (2007, p. 402),

No primeiro momento, a Religião se apresenta em sua pura imediatez, ou como figura natural na Religião da Natureza (Naturreligion), que corresponde à figura da Consciência. No segundo momento, como espírito que se sabe na naturalidade suprassumida, como produção da consciência de si na Religião da Arte (Religion der Kunst), a qual corresponde à figura da consciência de si; no terceiro momento, a efetividade está na unidade dos momentos anteriores, enquanto em-si e para-si é a Religião Revelada (geoffebare Religion). Na Religião revelada, o Espírito, que se representava como substância imediata e natural (em si) na religião natural e como sujeito pela produção de sua figura na Religião da Arte, encontra a consciência da essência divina, ou seja, sabe-se como é ela, como espírito em e para-si. Nesta religião, sua consciência é igual a sua consciência de si.

A seção “A religião manifesta” se dedica à explicitação do modo como essa revelação ocorre. Essa parte é dividida em cinco outras partes, a saber: I. Introdução (*FE* 748-757, p. 502-508); II. A encarnação da essência divina e o processo da representação como sua mediação (*FE* 758-767, p. 508-514); III. O pensar puro e o tornar-se outro da essência divina (*FE* 768-779, p. 514-521); IV. A autoconsciência universal ou a reconciliação da essência divina com o outro em geral (*FE* 780-785, p. 521-527); V. Conclusão (*FE* 786-787, p. 527-529).

No início da seção C, “A religião manifesta”, Hegel já evidencia que o espírito avançou da substância à forma do sujeito por meio da religião da arte, pois ela produziria a figura do espírito e põe nela o agir ou a consciência-de-si. Segundo Hegel, “essa encarnação [*Menschwerdung*] da essência divina começa na estátua, que só tem nela a figura *externa* do Si, enquanto o *interior* – sua atividade – incide fora dela.” (*FE*, p. 502) De forma que apenas no culto os dois lados tornam-se um, e na religião da arte a unidade em plenitude passou ao externo de Si. A proposição que enunciaria isso seria “o Si é a essência absoluta” (*FE* p. 503) Essa constatação gera a dor da chamada “consciência infeliz”, que perde o saber de si, da

⁸ A tradução utilizada para a elaboração deste texto refere-se à edição Brasileira da *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, 2007), com tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. A numeração de páginas da *Fenomenologia (FE)* remeterá sempre a essa edição. Quando não for o caso, será explicitada outra tradução.

substância como do Si, dor que se expressa no que Hegel chama “dura palavra”: Deus morreu⁹.

Como afirma Silva (2014, p. 429),

O foco dessa seção consiste na explicitação do caráter manifesto (na, à, e para a Consciência) da revelação da essência divina na religião que em tal seção se desenvolve e, portanto, no fato de a religião manifesta (die offenbare Religion) mostrar-se como o primeiro momento (ou como o momento imediato) da dialética da religião revelada (die geoffenbarte Religion). Se nesta a essência divina que nela se revela consiste manifestamente em que o que tal essência é torna-se sabido não somente na forma de um *ser para Outro*, mas antes enquanto o *ser para si* que, como ser imediato ou como *ser para Outro*, é imediatamente retornado a si e junto de si.

É isso que permite determiná-la como religião revelada de forma que seja acessível a toda consciência exigindo que se vá além da Consciência, evidenciando que a essência aí revelada seja Autoconsciência. (FE 759, p. 509)

Naquilo que chamamos de parte II da seção “A religião revelada”, Hegel evidenciará que o espírito absoluto que se deu na figura da consciência-de-si em-si aparece como a fé no mundo, isto é, ela crê que o espírito “é-aí” como uma consciência-de-si, ou como homem efetivo, ou seja, a consciência crente “vê e toca e ouve esta divindade”¹⁰. Segundo Hegel, “a consciência então não sai do seu interior, do pensamento, concluindo dentro de si o pensamento de Deus juntamente com o ser-aí; ao contrário, sai do ser-aí presente imediato, e reconhece Deus nele” (FE, p. 508).

Esse Deus, portanto se manifesta como Si, como um homem singular, sensivelmente intuído, sendo assim consciência-de-si. Essa encarnação da essência divina é o conteúdo do que Hegel chama “religião absoluta”. Nesta religião a essência divina é revelada. Segundo Hegel,

Essa encarnação da essência divina, ou [o fato de] que ela tem essencial e imediatamente a figura da consciência-de-si, é o conteúdo simples da religião absoluta. Nela a essência é sabida como espírito; vale dizer, essa religião é sua consciência, sobre si mesma, de ser espírito. [...] O seu ser-revelado consiste manifestadamente em que se sabe o que ela é. Mas ela é conhecida justamente enquanto é conhecida como espírito – como essência que é essencialmente consciência-de-si. (FE, p. 509 [759]).

⁹ É impossível não notar aqui uma antecipação da tese nietzschiana da morte de Deus evidenciada no *Zaratustra*.

¹⁰ Hegel está utilizando uma paráfrase da Primeira epístola de João 1,1-2: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida.” (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada).

Dessa forma compreende-se que em Hegel o bondoso, o justo, santo etc. são predicados de um sujeito, ou momentos universais que se apoiam nesse ponto e que são o retornar da consciência para o pensar. Segundo Hegel,

Ora, ser o revelado segundo o seu conceito é assim a verdadeira figura do espírito; e essa sua figura, o conceito, é igualmente apenas sua essência e substância. O espírito é conhecido como consciência-de-si, e é imediatamente revelado a esta por ser ela mesma. A natureza divina é o mesmo que a humana, e é essa unidade que é intuída. (FE, 509).

Ou ainda segundo Hegel,

Este homem singular portanto, como o homem que a essência absoluta se revelou ser, consoma nele enquanto Singular o movimento do ser sensível. Ele é o Deus imediatamente presente: assim, o seu ser passou para o ter sido. A consciência para a qual ele tem essa presença sensível deixa de vê-lo, de ouvi-lo; ela o tinha visto e ouvido, - e só porque o tinha visto e ouvido, torna-se ela mesma consciência espiritual. Ou seja: como antes ele nasceu para ela como ser-aí sensível, agora nasce no espírito. Com efeito, como uma consciência que o vê e ouve sensivelmente, ela mesma é apenas consciência imediata, que não suprassumiu a desigualdade da objetividade, nem a recuperou no puro pensar, senão que sabe como o espírito Singular objetivo, mas não a si mesma. No desvanecer do ser-aí imediato do que é conhecido como essência absoluta, o imediato recebe seu momento negativo; o espírito permanece [o] Si imediato da efetividade, mas como a consciência-de-si universal da comunidade; [consciência-de-si] que em sua própria substância repousa, assim como está é sujeito universal na consciência-de-si. O que constitui o todo completo desse espírito não é o Singular [só], mas sim o Singular junto com a consciência da comunidade e o que ele é para a comunidade. (HEGEL, 1993, p. 191 [763]).

Percebe-se que Hegel trata a encarnação como um momento em que o infinito se mostra na finitude em formas determinadas. O finito então deve ser uma modalidade que evidencia o preenchimento supremo da verdade religiosa, a saber, a encarnação de Deus. Segundo afirma Viellard-Baron (2002, p. 57), “o espírito consciente de si mesmo em uma figura que não é outra que ele mesmo é o Cristo enquanto Deus-homem”. Na encarnação se aprofundará a consciência da existência e da vida particular que agora é reconhecida no além inacessível. Nesse sentido, o cristianismo é o sentimento do valor infinito da existência singular. Segundo afirma Torres (2001, p. 50),

O “Filho de David” representará então o surgimento da existência singular no seio do imutável e vice-versa. O imutável se apresenta agora como uma figura, a figura do Cristo histórico. Nela, se dá para a consciência a unidade do universal e do singular, da consciência imutável e da consciência mutável, da verdade eterna e da existência histórica. Portanto, na consciência cristã, o além é captado como unido a uma consciência de si, à subjetividade.

Na encarnação a essência divina assume a natureza humana, faz-se carne, ela torna-se outro de si na presença sensível, uma figura particular da essência divina. Essa seria a consciência para-si da essência divina como fora de si na imediaticidade natural e sendo assim ela é negação da universalidade abstrata da essência divina em si mesma. Para que a essência divina possa se reconciliar consigo ela precisa sacrificar a sua imediaticidade para que com isso tal reconciliação seja o retorno à universalidade, mas nesse retorno ela passa a ser consciente de si. Nesse sentido é que o homem divino deve morrer.¹¹

Como aponta Silva (2007, p. 405),

O mediador que assume a condição humana é o próprio divino, como particular, ou este homem singular (o Filho), que se reconhece na imediatidade, mas que por uma necessidade intrínseca deve se voltar para esta essência assumindo consigo este elemento de determinação ou de negação de sua essência.

Podemos notar pelo que foi dito até agora que a Encarnação de Deus em Cristo é, para Hegel, uma representação histórica e experimental da necessidade, para Deus, de ser externalizado na alteridade em forma humana, com um corpo e com uma história; ela é uma representação de como o mundo e a história humana são parte da natureza de Deus, o que abre as portas para pensar de maneira diferente o próprio ser humano. Essa abertura que Hegel promove a partir da sua análise da religião revelada funcionará como base para o ateísmo do século XIX, principalmente o ateísmo feuerbachiano. O alcance da filosofia hegeliana é enorme e as suas reflexões sobre a religião ainda hoje suscitam grandes debates.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marcelo Fernandes de. **O conceito de religião em Hegel**. São Paulo. Loyola. 1989. (Coleção Filosofia. V. 10)

Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Editora Vida, 1999.

¹¹ Essa ideia da *Fenomenologia* aparecerá também na Enciclopédia das Ciências filosóficas de 1830. No parágrafo 569 da *Enciclopédia*, Hegel (2011, p. 349) afirma: “No momento da *singularidade* enquanto tal, isto é, da subjetividade e do conceito mesmo – enquanto são a oposição entre universalidade e particularidade, que retornou ao seu *fundamento idêntico* -, apresenta-se: 1) como *pressuposição*, a substância *universal* que, a partir de sua abstração, se efetivou na consciência-de-si singular, como *imediatamente idêntica* à essência, naquele Filho, transferido da esfera eterna à temporalidade; e nesta o mal é suprassumido enquanto *em si*. Mas além disso essa existência imediata, e por isso sensível, do absolutamente concreto se põe no juízo e morre na dor da *negatividade*, na qual é, como subjetividade infinita, idêntica a si mesma, [e] da qual, como *retorno absoluto* e unidade universal da essencialidade universal e da essencialidade singular, veio a ser para si mesmo: a ideia do espírito eterno mas vivo, e presente no mundo.”

HEGEL, **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**: a filosofia do espírito. Tradução de Paulo Meneses e José Machado. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011 v. 3. (O pensamento ocidental).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ. 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de José Nogueira Machado, SJ. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre filosofía de la religión**. Introducción y Concepto de religión. Edición y traducción de Ricardo Ferrara. Buenos Aires. Alianza Editorial 1984.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Early theological writings**. Tradução de T. M. Knox e Richard Kroner. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1977.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **L'esprit du christianisme et son destin**. Paris: J. Vrin, 1948. (Bibliothèque des textes philosophiques).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **História de Jesus**. Madrid: Taurus, c1975.

HYPPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

KUNG, Hans. **Incarnation de Dieu**: introduction à la pensée théologique de Hegel comme prolégomènes à une christologie future. Desclée de Brouwer. 1973

PLANT, Raymond. Hegel. **Sobre religião e filosofia**. Tradução de Oswaldo Giacóia. São Paulo: Editora UNESP. 2000 (Coleção grandes Filósofos)

SILVA, Francisco José da. A trindade na “Fenomenologia do Espírito”. *In*: CHAGAS, Eduardo Ferreira; UTZ, Konrad; OLIVEIRA, James Wilson J. de (org.). **Comemoração aos 200 anos da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel**. Fortaleza. Edições UFC, 2007. (Série Filosofia, v. 6).

TORRES, Jesús Vázquez. A consciência infeliz em Hegel: significação e presença no pensamento contemporâneo. *In* **Revista Ágora**. Ano 1. N 1. Jan-Jun 2001.

VIEIRA, Leonardo Alves; SILVA, Manoel Moreira da (org.). **Interpretações da fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

VIELLARD-BARON, Jean-Louis. Comunidade ética e comunidade religiosa na fenomenologia do Espírito. *In*: ROSENFELD, Denis (ed.) **Hegel, a moralidade e a religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Filosofia Política. Série III, n. 3).